

Saberes enredados ao redor de casa: Grupos de Pesquisa com Imagens, Sons e Afetos, em relação dialógica com Margaridas e Marielles

Knowledge entangled around the home: Research groups with Images, Sounds and Affects, in a dialogical relationship with Margaridas and Marielles

Saberes enredados alrededor de la casa: Grupos de Investigación con Imágenes, Sonidos y Afectos, en relación dialógica con Margaridas y Marielles

MAILSA CARLA PINTO PASSOS¹

VIRGÍNIA DE OLIVEIRA SILVA²

RESUMO: Neste artigo, dedicamo-nos a discutir a produção do filme de curta-metragem “Ao redor de casa”, de 2023, que apresentamos no X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa com Imagens e Sons, em 2024, contextualizando a sua exibição na organização e realização do referido evento, que objetivou aproximar os diversos grupos articulados da UERJ, bem como grupos associados das universidades brasileiras e estrangeiras, à luz da ideia do conhecimento em rede (ALVES, 1999).

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano; conhecimento em rede; movimento de mulheres.

ABSTRACT: In this article, we dedicate ourselves to discussing the production of the short film “Ao redor de casa”, from 2023, which we presented at the X Seminar of Laboratories and Research Groups with Images and Sounds, in 2024, contextualizing its exhibition in the organization and realization of the referred event, which aimed to bring together the various articulated groups of UERJ, as well associated groups of brazilian and foreign universities, in light of the idea of knowledge in the network (ALVES, 1999).

KEYWORDS: Everyday life; networked knowledge; women’s movement.

1. Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

2. Faculdade de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

RESUMEN: En este artículo, nos dedicamos a discutir la producción del cortometraje “Ao redor de casa”, de 2023, que presentamos en el X Seminario de Laboratorios y Grupos de Investigación con Imágenes y Sonidos, en 2024, contextualizando su exhibición en la organización y realización del evento antes mencionado, que tuvo como objetivo reunir a los diversos grupos articulados de la UERJ, así como a grupos asociados de universidades brasileñas y extranjeras, a luz de la idea de conocimiento en red (ALVES, 1999).

PALABRAS CLAVE: Vida cotidiana; conocimiento en red; movimiento de mujeres.

INTRODUÇÃO

No final do Século XX e início do Século XXI, ao analisar a organização educacional dedicada aos tempos e espaços dos componentes curriculares, denominados pela história dominante como “disciplina”, Alves (2001) propôs, buscando uma melhor definição, o conceito de “campos de estudos” que seriam tecidos por “múltiplos conhecimentos teóricos-práticos”, organizando, “de maneira flexível, todos os espaços de desenvolvimento curricular”, entre eles, os projetos de pesquisa, por exemplo. Convidando, assim, os sujeitos dos estudos educacionais, sobretudo os do campo do currículo, a se afastarem da desgastada e impertinente metáfora da “árvore do conhecimento”, que pressupunha um percurso linear, hierárquico e uniforme:

Essa forma de “construir” o conhecimento é a que vai possuir uma grafia em árvore, que pressupõe um caminho obrigatório, único, linear e hierarquizado. É a partir desta idéia que se entende que se está melhor, se sabe mais, quando atingindo o cimo, chegamos às indispensáveis folhas (que nos permitem respirar melhor), às lindas flores (que nos permitem poetizar a vida) e aos frutos saborosos (que não nos deixam morrer de fome). (ALVES, 2001, p. 113).

E, diante de um mundo mergulhado em um contexto cada vez mais globalizado e tecnológico, Alves (2001) teceria caminhos para outras perspectivas metafóricas, destacando, para aquilo que se realiza de modo constante, horizontal, múltiplo e orgânico, a imagem das tramas, dos fios, dos enlaces que nos enredam e se fazem presentes nas tessituras de diversas redes:

Tudo isto popularizou um termo – rede – que está, hoje, no âmago da nova forma de construir o conhecimento, em todas as áreas de atividades humanas – das ciências aos movimentos sociais, do mundo do trabalho à comunicação social (ALVES, 2001, p. 119).

Os efeitos desta mudança metafórica/teórica em relação a como se realiza o processo de conhecimento implicaram não só em uma nova concepção imagética da própria produção do conhecimento, mas também na forma como se organiza a socialização dos conhecimentos produzidos e na busca do entendimento sobre para quais fins tais produções ocorrem:

... abrir espaço e tempo à compreensão das relações entre o conhecimento real, o currículo concreto e as novas tecnologias e novos conhecimentos existentes na sociedade – a informação sobre tudo isto que circula, como circula, por que circula e a favor de quem circula (ALVES, 2001, p. 120).

A partir desta “perspectiva enredada”, surgiram, por exemplo, as doze edições do *REDES – Seminário Internacional as redes educativas e as novas tecnologias*, bem como as dez edições do *Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa com Imagens e Sons*, organizadas pelo ProPed-UERJ, e iniciadas em 2001 e em 2002, respectivamente.

Em sua versão mais recente – a décima – o Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa com Imagens e Sons, em maio de 2024, foi organizado pelo Laboratório Educação, Imagens e Sons (LBEIS), do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPed), da Faculdade de Educação do campus Maracanã, em conjunto com o LBEIS do PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores, campus São Gonçalo, ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. A temática da referida edição foi “Redes Educativas, imagens e sons na produção e circulação de ‘conhecimentossignificações’: conversas entre pesquisas em Educação”, congregando uma rede nacional e internacional³ de grupos de pesquisa e laboratórios envolvidos com a questão da produção das imagens e sons em diferentes linguagens, dispositivos e suportes. Objetivou-se ali, mais uma vez, aproximar os diversos grupos articulados da UERJ, bem como os associados das universidades brasileiras – a saber, UFPB, UFF, UFRRJ, UFES, UFG, UNESA, UEA, UNISO, UNICAMP,

3. Os nomes dos grupos de pesquisa aos quais nos referimos estão indicados em www.lab-eduimagem.pro.br

UFBA, UNEMAT, UFSC; e das universidades internacionais, tais sejam, Université de la Normandie – Rouen/Caen/França, Universidad de Buenos Aires/Argentina e Universidad de la República/Uruguai, com compartilhamentos que permitem conhecer os projetos desenvolvidos nessas instituições e produzir conhecimentos comuns, reafirmando a ideia de Santos (2023), para quem troca não significa a mesma coisa que compartilhamento.

A troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com o afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. (...) O compartilhamento é uma coisa que rende (SANTOS, 2023, p. 36).

A intenção das organizadoras e dos organizadores na décima edição, para além das trocas de conhecimentos, era a de que ocorresse um compartilhamento de afetos – afetos no sentido de afetarmo-nos uns com os trabalhos dos outros. Para isso, sugeriu-se que nesta edição, um grupo apresentasse e comentasse o trabalho de um grupo parceiro, priorizando os “usos” possíveis daquele trabalho em suas pesquisas.

Certeau (1996) nos ensina que é no “uso” que os praticantes “fazem com”, reinventando os processos e produtos culturais nas suas práticas cotidianas. A proposta, naquele momento, era que se estabelecesse um diálogo entre grupos e/ou laboratórios, tendo como foco os produtos das pesquisas de cada um, ou seja, os seus trabalhos. Que um pudesse contribuir com o trabalho do outro, reinventando para ele outros usos e outras formas de diálogo.

Como quer Bakhtin (2003), o dialogismo consiste em um processo de comunicação interativa no qual nos reconhecemos através do outro, percebendo a palavra deste outro numa relação de reciprocidade, que implica o discurso do outro em nosso próprio discurso, potencializando a produção de sentidos. Nesse sentido, a escolha dos pares foi realizada pelas organizadoras e pelos organizadores do X Seminário, a partir de critérios de proximidade de proposta temática e de proximidade de linguagem, priorizando esse potencial dialógico entre os grupos e/ou laboratórios. Cada um deles deveria escolher uma de suas produções audiovisuais para compartilhar, com antecedência, em um site que ficaria à disposição de outro grupo e/ou laboratório para que pudesse vê-la, ouvi-la, afetar-se e, a partir desta recepção, dialogar, durante a realização do X Seminário.

Tal metodologia envolveu toda a rede de grupos articulados e grupos associados com o objetivo geral de “conversar” em torno dos aspectos comuns de nossos projetos, destacando as suas relações com imagens e sons, com vistas a dar maior visibilidade a esta rede nacional e internacional, sobretudo, naquilo que afeta a relação Educação-Imagens-Sons, aumentando, assim, a potencialidade de articulação entre as pesquisas.

Além disso, ao final da realização do referido Seminário, foi criada a Rede de Educação, Imagens, Sons e Afetos – REISA⁴, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diferentes universidades nacionais e internacionais, objetivando “pesquisar, estudar e compreender a presença das relações entre Educação e Imagens, Sons e Afetos nos acontecimentos educativos”⁵.

Derivam, exatamente, deste movimento e momento tanto a ideia da publicação da presente revista pela Unicamp quanto a da escrita deste trabalho pelas líderes do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPED-UERJ, e do Grupo de Pesquisa em Educação e Cinema – PEDCINE, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – CE/UFPB, a saber, Professora Mailsa Passos e Professora Virgínia de Oliveira Silva, respectivamente.

O enredamento do GP Culturas e Identidades no Cotidiano e GP em Educação e Cinema – PEDCINE já vem se tecendo há 17 anos. Além de doze edições da *Mostra Interestadual do Cinema Paraibano – PB/RJ*, promovendo exibição e debate de filmes produzidos em todo o Estado da Paraíba, bem como oficinas de linguagem cinematográfica, nas duas instituições de ensino superior envolvidas – UERJ e UFPB, são frutos audiovisuais desta relação, por exemplo, a produção de três filmes documentários de curta-metragem: “Diabolin” (2014), “Costureiras” (2018) – este em enredamento com o GP Infância e Cultura Contemporânea, liderado pela Professora Rita Ribes, do ProPED-UERJ – e “Ao redor de casa” (2023).

Consideramos essas três produções audiovisuais como uma trilogia sobre o trabalho que temos desenvolvido em conjunto, já que nos três filmes a temática do trabalho, do Cotidiano e da criação necessariamente implicada neste campo de conhecimento encontram-se fortemente presentes, assim como nos nossos GPs.

Em “Diabolin”, produção de 2014, cujo protagonista é o personagem de Gilberto do Nascimento Ferreira, contamos a história de um artista popular, em

4. Conferir em www.reisa.uerj.br.

5. Idem.

busca da sobrevivência própria e dos filhos, o seu cotidiano, a sua relação com o seu trabalho como palhaço e malabarista pelas praças e ruas de Recife e Olinda, no estado de Pernambuco, e outras histórias de sua trajetória, contadas por ele, por seus amigos e por sua plateia.

Em “Costureiras”, documentário de 2018, as protagonistas são quatro mulheres que criaram seus filhos e sustentaram suas famílias com o trabalho com a máquina de costura. Este foi o nosso primeiro trabalho priorizando, especificamente, a temática das questões femininas, pertinentes ao universo laboral e ao campo do Cotidiano; perspectivas a que demos continuidade no curta-metragem do gênero documentário “Ao redor de casa”, em 2023.

No presente trabalho, debruçamo-nos, mais especificamente, sobre o último produto audiovisual realizado, até o presente momento, nesse enredamento: o filme documentário de curta metragem “Ao redor de casa” (2023).

AO REDOR DE CASA: LUGAR DE MULHER É NO MUNDO E NA LUTA.

Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra aos pobres acabe?

Marielle Franco

Quando mulheres se unem na luta para criar um outro mundo, diferente deste excludente com o qual parecemos, por vezes, ter-nos acostumado, o patriarcado e o capitalismo, historicamente cúmplices no projeto de tornar-nos uma sociedade cada vez mais injusta e desigual, reagem de forma violenta. É por isso que cada vez mais histórias de mulheres que lutam e que, organizadas, não se submetem, precisam ser narradas. Muito em função disso, realizamos o filme “Ao redor de casa”. É preciso falar sobre essas mulheres, mas não só, é preciso que *falemos com elas*, que as escutemos de maneira sensível e sincera e que narremos sobre aquilo do que elas são capazes. É necessário que suas histórias sejam luz e referência para outras.

Duas dessas mulheres aguerridas que tombaram vitimadas pela violência a que nos referimos um pouco antes foram Margarida Maria Alves e Marielle Franco. A primeira, uma sindicalista, ativista dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais, foi brutalmente assassinada, na presença de seu marido e de seu filho, em sua casa, em Alagoa Grande, na Paraíba, em 12 de agosto de 1983, a mando de latifundiários do Grupo da Várzea, contrariados com sua atuação à frente da presidência do sindicato.

O que seus assassinos não imaginavam é que, depois da morte da agricultora, a mobilização dos trabalhadores rurais aumentaria significativamente. Em homenagem à sindicalista, foi criada a Marcha das Margaridas, que acontece desde 2000, em Brasília, a cada quatro anos.

Tornar-se semente fértil foi o que também aconteceu com Marielle Franco, uma socióloga, oriunda da Comunidade da Maré, feminista, ativista dos direitos humanos, vereadora do Rio de Janeiro, eleita no ano de 2016. Ela e seu motorista, Anderson dos Santos, foram assassinados em 14 de março de 2018, pela milícia carioca, a mando de determinado grupo político, no Centro do Rio de Janeiro.

Era início de 2019, o contexto da política nacional não era nada animador, havia um sentimento de total desesperança pairando sobre os setores progressistas do país, desde os resultados do último pleito presidencial, quando, em um evento do Armazém do Campo, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, no Bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, conhecemos a professora Maria Lucia Vignoli, do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, do estado do Rio de Janeiro. Através dela, tomamos conhecimento de que em março daquele mesmo ano, aconteceria a 10ª *Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia*, no Município de Remígio, no Polo da Borborema⁶, no estado da Paraíba. Ainda segundo ela, naquela edição o coletivo de mulheres camponesas, organizado pela Associação de Agricultura Familiar e Agroecologia – AS-PTA, faria a marcha no dia 14 de março, homenageando a Vereadora Marielle Franco.

A partir deste momento, fomos afetadas por um impulso vital, por uma necessidade criadora que precisava de extravasamento, aquele sentimento de derrota nacional que nos impunha um peso e parecia nos levar para baixo, de repente, desapareceu, sendo substituído pela esperança de podermos documentar um possível momento histórico de renovação de forças. Assim, após realizarmos contato com as organizadoras da 10ª Marcha, organizamos a nossa pequena equipe técnica/criativa, formada por João Paulo Lima, Kennel Rógis, Mailsa Passos e Virgínia de Oliveira Silva, e, no dia 13 de março de 2019, chegamos de manhã cedo ao Município de Remígio/PB para acompanhar as 24 horas anteriores ao evento e a sua complexa organização, até o momento da marcha, que foi antecedida por uma encenação do grupo de teatro das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais do Polo da Borborema/

6. Além de Remígio, o Polo da Borborema/PB é formado por diversos municípios paraibanos, entre eles, Solânea, Casserengue, Queimadas, Esperança, Arara, Areal, Algodão de Jandaíra, Lagoa Seca e Montadas.

PB, e se encerrou com um show da cantora e compositora pernambucana Lia de Itamaracá, passando ainda por exposições de galhardetes com mensagens poéticas, palavras de ordem e fotografias de líderes feministas; depoimentos de mulheres agroecologistas participantes; discursos políticos das lideranças femininas, coreografias e entoações de hinários dos movimentos sociais envolvidos no evento.



Figura 1 – Parte da X Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, em rua de Remígio/PB, vista do alto – Fonte: Fotografia de João Paulo de Lima (2019)



Figura 2 – Mensagem em faixa presente na X Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, em Remígio/PB – Fonte: Fotografia de Kennel Rógis (2019)

O nosso interesse inicial era conhecer que sentidos essas mulheres camponesas, organizadas em torno de 13 sindicatos rurais, em luta pela agroecologia, pela defesa da vida feminina e pelo bem-viver, produziram sobre Marielle Franco, uma ativista urbana. Quais os diálogos possíveis entre a luta de mulheres no espaço citadino e as do campo? O que esse coletivo de mulheres e suas lutas teriam a nos ensinar? E acabamos nos enredando em suas múltiplas teias de relações e afetos, antes, durante e após a realização da X Marcha.

Sempre que tentamos descrever o que nos atravessou no encontro com essas companheiras, as palavras nos faltam e a emoção transborda. A experiência de testemunhar como um grupo de algumas dezenas de mulheres é capaz de organizar uma marcha que reúne e põe em movimento mais de 5 mil mulheres pelas ruas estreitas de uma pequena cidade que, segundo o Censo Demográfico Brasileiro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), possuía uma população de pouco mais de 17 mil habitantes, não cabe em palavras, não cabe nas imagens que produzimos, não cabe na escrita deste texto.

Pudemos conhecer um grupo de pessoas engajadas em uma luta comum, e comprometidas utopicamente com a emancipação de todas as mulheres. E, como

já dissemos, nessa performance política está presente de maneira imperiosa a arte – a música, o teatro, a dança, a poesia – em uma mística aglutinadora de pessoas, sobretudo pelos seus sentimentos e pela solidariedade.



Figura 3 – Detalhe de participantes da X Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, em Remígio/PB – Fonte: Fotografia de João Paulo de Lima (2019)

Esse encontro, além de nos fazer recuperar uma esperança que naqueles tempos havíamos perdido, fez-nos colocar, daquele momento para a frente, nosso trabalho e nossa voz à disposição dessa luta, e significou para nós um aprendizado extraordinário. A cada fala, a cada conversa, a sensação era de que aprendíamos mais sobre nós mesmas. O que move essas mulheres? De onde elas retiram tanto poder de organização e disposição para a luta? Eram algumas das muitas perguntas que nos fazíamos, enquanto marchávamos com elas, afetadas, acolhidas e emocionadas.

Destacamos, especificamente, a força da mensagem contida no discurso final do filme, sobre os assassinatos de Margarida Maria Alves e Marielle Franco, pronunciado por Roselita Vitor da Costa Albuquerque, a Rose, uma das coordenadoras

do Polo da Borborema/PB, da Marcha das Mulheres e líder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Remígio/PB, que passamos a transcrever aqui:

Não foi uma morte qualquer. Marielle era uma mulher negra, era uma mulher da favela, era uma mulher pobre que foi para a Câmara de Vereadores, e incomodava a elite do Rio de Janeiro, e por isso Marielle foi assassinada. Foi assassinada também como foi Margarida Maria Alves, sindicalista, camponesa. E todas as duas foram [mortas] com um tiro na cabeça. Na cabeça, companheiras, porque é o lugar que nós pensamos, que nós criamos ideias, que nós pensamos um mundo novo. Por isso, aqui a nossa homenagem a Marielle. Somos todas Marielle! Marielle vive em cada uma de nós. Margarida vive em cada uma de nós. Não podemos nos calar. Não podemos ter medo, companheiras. Precisamos fazer esse Brasil livre para todas as pessoas, não para apenas uma pouca parcela de ricos e brancos deste país. Por isso, precisamos seguir em marcha. Precisamos nos unir, precisamos descobrir qual é a nossa classe social. Somos negras e negros, somos pobres. Precisamos engrossar as fileiras de um Brasil novo, junto com Marielle, junto com Margarida Maria Alves, e temos certeza que elas estão aqui, no nosso meio. (ALBUQUERQUE, 2023, *In*: AO REDOR DE CASA, 2023, 14 minutos e 35 segundos).



Figura 4 – Roselita Vitor da Costa Albuquerque, uma das coordenadoras da X Marcha e do Polo da Borborema/PB, e líder do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Remígio/PB
Fonte: Fotografia de Kennel Rógis (2019)

Infelizmente, não é possível que a economia da escrita dessa transcrição evidencie a entonação de Rose, comovente e comovida, a nos afetar a todas e todos ao final de nosso documentário, mas que fique aqui o registro da mesma. A palavra é ponte entre eu e o outro, como nos ensinaram Bakhtin & Voloshinov (2004). E todo discurso produzido prevê um auditório social que é a quem ele se dirige. Fenômeno de caráter complexo, o discurso envolve não somente a voz e o ponto de vista do enunciador, mas para além disso, envolve as vozes sociais que polifonicamente habitam o discurso.

Essas vozes também habitam o discurso de Rose, quando ela se dirige às mulheres que estão marchando na luta por seus direitos, em homenagem a duas mulheres que tombaram assassinadas pelos poderosos que sentiram o seu poder ameaçado por suas ações políticas, por suas lutas, mais do que isso, por sua própria existência. A sua enunciação tem como auditório as milhares de mulheres camponesas que ali a estão ouvindo a céu aberto. Mas para além disso, são as mulheres camponesas organizadas que falam pela voz dessa liderança. Via de mão dupla, dinâmica de encontros polifônicos são as vozes de Marielles e Margaridas que manifestam o sentir/pensar um mundo novo, utópico, um Brasil no qual não existam desigualdades nem no campo e nem no ambiente urbano, um país sonhado feminino.



Figura 5 – Galhardetes da X Marcha com fotografias de Margarida Maria Alves e Carolina de Jesus
Fonte: Frame de “Ao redor de casa”, de Mailsa Passos e Virgínia de O. Silva (Doc., 18 min., 2023)



Figura 6 – Estandarte com o rosto de Marielle Franco, desfraldado ao lado da Câmara Municipal de Remígio/PB

Fonte: Frame de “Ao redor de casa”, de Mailsa Passos e Virgínia de O. Silva (Doc., 18 min., 2023)

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao definir seu conceito de “escrevivência”, Conceição Evaristo contrapõe o espelho de Narciso aos espelhos (abebés) de Oxum e de Yemanjá. Tomamos emprestada a relação que a autora estabelece para tecermos uma reflexão sobre a ação das mulheres da agroecologia do Polo da Borborema, no estado da Paraíba. A escritora afirma que em contraposição a uma escrita narcísica, cujas águas espelham apenas o próprio rosto de quem escreve – que é a quem ela está se referindo – a escrevivência não se “limita à história de um eu sozinho, o que se perde na solidão de Narciso (...) surdo às nossas vozes”. O nosso espelho seria o de Oxum e o de Iemanjá porque quando lançamos nossos olhares para esses espelhos, nos damos conta da nossa beleza negligenciada, silenciada, na medida em que escapa aos padrões de uma ordem colonial, e entramos em contato com o poder da beleza feminina. “No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência.”

E esse espelho é complementado pelo abebé de Iemanjá, “para que possamos ver outras imagens para além do individual”. Aí, já não somos mais pessoas sozinhas, pois este último espelho nos oferece a dimensão da força da beleza do coletivo e nos revela a possibilidade de escrever uma história de muitas vozes (Evaristo, 2020, p. 39).

É este o sentido da luta das camponesas paraibanas que marcham anualmente pela vida das mulheres e pela agroecologia: multiplicar as vozes que manifestam a beleza do coletivo, voltar seus espelhos para o conjunto dessas vozes que gritam palavras de ordem, cantam, teatralizam, carnavalizam utopicamente – “seguiremos em luta até que todas sejamos livres”, como elas mesmas avisam constantemente, durante a Marcha. O capitalismo e o patriarcado são o lago de Narciso.

Destacamos, por fim, que as mulheres do Polo da Borborema/PB, com os espelhos de Oxum e de Iemanjá, também fiam, cotidianamente, tal qual Penélope, as suas redes de conhecimentos, afetos e esperanças. Tais redes são tecidas com as fibras que sustentam as lutas feministas contra a perversa lógica narcisística do patriarcado e do capital. Assim, elas se fortalecem cada vez mais em suas marchas ao redor de casa. A casa delas é o mundo todo, no qual também nos enredamos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: GARCIA, Regina Leite; ALVES Nilda. (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 111-120.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHNOV, V. N.) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. 196 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 341 p.
- CERTEAU, Michel **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. edição. Petrópolis: Vozes, 1996. 351 p.
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivências: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Remígio/PB – Cidades e Estados. In: **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/remigio.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- PASSOS, Mailsa. **Experiência curriola: notas sobre as memórias de uma educadora**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 132 p.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. 1. edição. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

- AO REDOR de casa – Codiretoras: Mailsa Passos e Virgínia de Oliveira Silva – Produção: Projeto Cinestésico – Cinema e Educação. Documentário, 18 minutos, Remígio/PB e Alagoa Grande/PB, Cor, 2023.

COSTUREIRAS – Codiretoras: Mailsa Passos, Rita Ribes e Virgínia de Oliveira Silva – Produção: ProPed – UERJ e Projeto Cinestésico – Cinema e Educação. Documentário, 15 minutos, Coremas/PB, João Pessoa/PB, São João do Cariri/PB, Rio de Janeiro/RJ, Cor, 2018.

DIABOLIN – Codiretoras: Mailsa Passos e Virgínia de Oliveira Silva – Produção: ProPed – UERJ e Projeto Cinestésico – Cinema e Educação. Documentário, 15 minutos, Recife/PE, Olinda/PE, Rio de Janeiro/RJ, Cor, 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Mailsa Carla Pinto Passos é Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio. É Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Procientista, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano do PROPED/UERJ. *E-mail:* mailsappassos@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1204-4505>.

Virgínia de Oliveira Silva é Doutora em Educação pela Uff; Professora Associada IV do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba; líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Cinema – PEDCINE; coordenadora, na extensão, do Projeto Cinestésico – Genealogia, Cinema e Educação – Ano 2; cineclubista; poetisa; roteirista; e diretora de cinema.

E-mail: cinestesico@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7241-4427>.

Recebido em 30 de janeiro de 2025 e aprovado em 24 de fevereiro de 2025.